

A EDUCAÇÃO NO UNIVERSO DAS IMAGENS: TECNOLOGIA, CULTURA, LINGUAGEM

Eliana Sampaio Romão ¹
Maria de Fátima Monte Lima ²

O presente trabalho pretende discutir as possibilidades do virtual na educação via imagem não só como instrumento de conhecimento, mas como elemento estruturante. Para isto elegemos o vídeo e as possibilidades múltiplas de sua reapropriação local, na escola, dando ênfase aos efeitos de mediação, de diferenciação, de hibridização e de suas aberturas específicas. O aporte teórico serão os estudos de cunho antropológico de Martin Barbero e de cunho sociológico de Boaventura de Souza Santos. A invasão da imagem nas atividades humana é consequência das tecnologias desenvolvidas historicamente e tem uma função fundamental na estruturação cultural da realidade. A imagem tende a constituir-se no paradigma para o desenvolvimento do conhecimento, na medida em que instrumentaliza e estrutura o próprio conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: educação, tecnologia, cultura, linguagem, imagem.

1. A imagem na sociedade contemporânea

Hoje, em nossas cidades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicativa pela imprensa, revistas, filmes, televisão e rádio excede em grande medida à quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda ao ensino e derrubou os próprios muros das aulas de modo tão repentino que estamos confusos, desconcertados. (CARPENTER, McLUHAN 1960)

Ao acompanhar o ser humano, desde o seu momento primitivo, quando ainda vivia em cavernas na pré-história, a imagem tem sido um meio eficiente e cada vez mais utilizado no processo de comunicação entre os homens em sociedade. Ubíquas, elas se dão a ver em tudo ao nosso redor, e até nos lugares mais interiorizados do nosso ser, lá estão elas, as imagens secretas da nossa memória e da nossa imaginação. Imagem e imaginação nos acompanham desde sempre.

¹ Professora Titular e pesquisadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Aracaju/SE. elianaromao@uol.com.br; eliana_sampaio@unit.br

² Professora Adjunta aposentada da Universidade Federal de Sergipe e Professora Titular e pesquisadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Aracaju/SE serra_leoa@uol.com.br; fátima_monte@unit.br.

Conscientes de que o grau de resolução da nossa imagem mental é insuficiente, pois não somos capazes de lembrar de todos os detalhes da imagem que acabamos de ver passar à nossa frente, continuamos a desenvolver e a utilizar cada vez mais, a valiosa ajuda da memória auxiliar exterior, como a escrita, o desenho, a pintura, a fotografia, o gravador, a filmadora, o vídeo, o computador e as redes digitais.

A sociedade atual inaugura um novo tempo no campo da comunicação, do trabalho e da cultura marcado pela difusão e disseminação de imagens e pela proliferação de uma nova cultura tecnológica, com maior interatividade homem – máquina, organizando novos espaços sociais. Kellner (1995) assinala que do amanhecer ao anoitecer encontramos-nos, imersos num oceano de imagens impregnada no mais alto grau, por uma flora e uma fauna constituídas de espécies variadas de imagens, espécies que a teoria cultural contemporânea apenas começou a classificar.

A grande transformação por meio das imagens é atribuída à televisão e chega a ser interpretada como a tecnologia de imagens mais prolífica da história, segundo reconhece o autor, gerando quinze e trinta imagens por minuto e, com efeito, milhões de imagens por dia. Neste universo, o mundo simbólico é construído nas mediações das relações sociais e por sua vez sofre interferência direta da economia, em que a cultura é retaliada, apropriada e incorporada ao setor produtivo.

Barbero (2002) ratifica que a comunicação globalizada se operacionaliza como eficaz motor da venda de bens simbólicos, sustentáculo para legitimação do consumo de todo e qualquer tipo de mercadoria, sempre do centro para periferia.

(...) é neste ambiente que a comunicação se encontra encarcerada entre fortes mudanças e densas opacidades que derivam da necessidade de uma razão comunicacional que dê conta da fragmentação que desloca e descentra, do fluxo que comprime e globaliza e da conexão que desmaterializa e hibridiza, as identidades culturais, a educação, o mundo do trabalho, o exercício da cidadania e a percepção do tempo. (BARBERO 2002, p. 14).

A educação, enquanto elemento da cultura, está sujeita às inferências do Estado, do mercado e da sociedade na organização. A educação se traduz na seleção e na difusão de uma visão de mundo, de práticas, de hábitos que, mesmo sob influências de demandas diferenciadas e paradoxais, atendem de forma hegemônica à demanda da sociedade capitalista. A “saturação de imagens”, por exemplo, traduz a dinâmica da organização dos processos de produção, distribuição e consumo do conhecimento, da informação e da cultura, nos mais diferentes formatos visuais. Assim, as linguagens imagéticas e audiovisuais invadem a vida cotidiana, embora curiosamente distantes, particularmente, da escola, nas suas mais variadas formas de ensinar e de aprender.

Lima ao analisar a relação trabalho, tecnologia e cultura entende que

Com a subjetivação do trabalho e a apropriação da cultura pelo capital de modo expressivo (...)a tendência é que o processo de materialidade

do trabalho dissemine-se por todos os espaços sociais invadindo as diferentes temporalidades da vida, e o mundo da cultura emergirá como meio adequado de uma construção social que, possui como elemento fundamental, a interação entre subjetividade do uso e as possibilidades da infra-estrutura. (2002, p. 48).

A cultura por se traduzir nas práticas dos diferentes grupos sociais, a formação e a perpetuação do arcabouço cultural dos educandos extrapola as paredes da escola. Definitivamente os processos comunicativos se ampliam e reestruturam os antigos espaços e tempos de aprendizagem. A desterritorialização dos ambientes de aprendizagem quer seja por meios atômicos, quer seja por via eletrônica possibilitam uma certa distribuição e difusão da imagem o que não significa democratizá-las, dados do Ministério da Educação apontam que 16% de todos os professores do Brasil, nunca puseram os pés em um cinema, 31% nunca visitaram um museu e 49% não têm acesso à rede mundial de computadores³. Paradoxalmente, no século XXI as possibilidades tecnológicas acenadas pelos novos meios de produção e reprodução de imagens, medeiam o surgimento e a organização de um novo espaço numérico, aumentando consideravelmente, o grau de subjetividade presente nas relações humanas, especialmente, naquelas que envolvem arte e público. As diferentes mídias favorecem, ainda mais, a pluralidade e a fusão de estilos e técnicas, redesenhando a interatividade entre os sujeitos sociais.

De outro lado, o processo de construção das subjetividades implica na reapropriação da cultura local na relação com o global e das identidades culturais enquanto identidades em movimento.

(...)as identidades culturais “não são rígidas nem imutáveis (...) mesmo as mais aparentemente sólidas escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação” (SANTOS 1997, p.135).

Tais elementos são fundamentais para pensarmos hoje a dinâmica do movimento, as discontinuidades e as mudanças paradigmáticas. Imprescindível ao esforço analítico e teórico circunscrito ao campo de tensão entre a convergência e a diferenciação, que a produção de subjetividade trás na reafirmação da identidade local. Agenciada pelas tecnologias e pelos diferentes processos de hibridização, diferenciação e de mediação que estas potencializam, o processo de construção de imagem faz a diferença.

O vídeo, elemento da maior importância na mudança paradigmática contemporânea devido a sua contribuição na recontextualização das identidades e

³ Dados do Portal da Câmara (<http://www.portaldacamara.gov.br>.” Professores poderão ter desconto para acessar Internet – Educação Tempo Real - 09/11/2004 16h50. Acesso em 01 de julho de 2007.

das práticas sociais, reacende e permite explorar os vínculos estabelecidos entre o local/global, historicamente, hegemônicos ao controlarem nos limites da contradição, as possibilidades de relações horizontais pautadas em práticas que aprofundam o diálogo entre as diversas e diferentes subjetividades e culturas. Sob a ótica da produção imagética o vídeo pode reafirmar as práticas e as idéias das diferentes expressões culturais desterritorializadas, elemento decisivo na compreensão de como estas foram interiorizadas pela sociedade, a fim de articular e discutir a opressão e a dominação cultural.

A inserção de novas culturas e imagens na escola exige outras práticas na construção de outras mentalidades de modo que a escola não tema a cultura em toda sua diversidade social. É preciso dizer que ao lançar mão de diferentes expressões culturais, por meio dos recursos comunicacionais, lembra Lima (2003), a escola deve considerar como legítimo, o seu modo de estabelecer relações e formar uma visão de mundo.

Para que tudo isto ocorra nos espaços formais de aprendizagem cabe ao Estado a elaboração e implementação de políticas de educação e comunicação que garantam o provimento da infra-estrutura tecnológica, assim como a formação de professores para o século XXI, a fim de que os sistemas de ensino aprendam a tirar proveito dos discursos e práticas audio-imagéticos, de modo a realizar as associações, identificações e desconstruções necessárias ao processo de apreensão de informações e de construção do conhecimento via imagem. Afim de que a escola, e os profissionais que por ela responde, permita aprender, conforme sugere Barbero, “a transformar a informação em conhecimento”.

2. Tecnologia e imagem : elementos estruturantes do conhecimento?

O lugar da cultura se desloca quando as tecnologias proporcionam novas formas de mediações abandonando suas capacidades anteriores ou quando as sintetizam modificando qualitativamente as suas possibilidades. Densificam-se espessam-se e convertem-se em instituintes ou estruturantes de novos processos de produção de conhecimento. Os artefatos tecnológicos não só mudam a nossa forma de sentir, ver e conceber o mundo como modificam a linguagem, a sensibilidade e as escritas.

Nesse universo o vídeo considerado por Jameson (1997) o mais puro representante cultural do universo de produção contemporânea converte-se com a reestruturação produtiva. A criação e a inovação elementos centrais no processo de desenvolvimento econômico, político e cultural e a produção do conhecimento sofreu alterações no seu *modus operandi*, levando a alterações significativas no modo de percepção dos próprios espaço e tempo que se presentificam. Isto quer dizer que o espectador tem a sensação de tempo real e de anulação espacial, uma vez que na visibilidade instantânea da imagem registrada, pode ser criada uma ilusão de tempo real, assim como, pela capacidade da retransmissão imediata abolir as distâncias geográficas desterritorializando espaço, tempo e sujeitos.

O tempo do vídeo é mais veloz e funciona como um fluxo total de signos, isto porque o processo de produção de imagens através das tecnologias digitais aumenta a velocidade e o ritmo da própria linguagem videográfica. No vídeo também há uma sobrecarga de informações cruzadas, signos culturais que não existem isoladamente, e também não compõe uma estrutura central e lógica organizada acenando para uma espécie de fragmentação psíquica abrindo portas para a ampliação das possibilidades de movimento dos afetos e das subjetividades, no processo de produção de conhecimento.

Para Jameson (1997), o vídeo é definido como um fluxo de estruturas e de signos que resiste ao significado, cuja lógica interna fundamental está na exclusão da emergência de temas propriamente ditos e que se propõe a frustrar interpretações tradicionais. As alternativas de interpretação se centram no processo de produção do vídeo e não dos significados ou conteúdos deles, pois toda arte em vídeo é a tecnologia da produção. Para Nova e Alves, no entanto, os audiovisuais, independentes de sua forma de produção,

constituem-se em técnicas cognitivas que se caracterizam por possibilitar associações e uma concepção de tempo linear e não-linear, através das suas múltiplas representações permitindo a emergência de mecanismos de defesa como a projeção, identificação, deslocamentos e condensação, possibilitando a construção de conceitos a partir da afetividade e do desejo, constituindo-se em uma linguagem do pensamento que pode ser polifônica (Baktin) e metafórica. (NOVA E ALVES 2003, p.115).

Acrescenta-se ainda que a apreensão de elementos por via audiovisual leva a novos e velhos regimes de visibilidade. Outras narrativas são possíveis quando a imagem não mais é concebida como aparência nem representação, mas pela riqueza de sua invisibilidade profunda onde se situa a nova discursividade constitutiva da nova visibilidade e da nova identidade lógico-numérica da imagem. As imagens por serem mais rápidas são, também percebidas mais rapidamente avançando em relação a memorização realizada por meio de textos escritos ou pela fala tradicional.

A educação necessita colocar-se a escuta das oralidades e abrir os olhos a visibilidade cultural das visibilidades que emergem nos novos regimes da tecnicidade. Pois as novas discursividades estruturam outras formas de leituras, ao invés de pensarmos que os jovens estão lendo menos hoje do que ontem.

A leitura tende a diminuir entre as novas gerações, verifica-se que o tempo destinado a assistir televisão e ouvir música gravada não pára de crescer. O livro cada vez mais deixa de ser o vetor de emoção, de sonho e de diversão que era em tempo atrás. O papel impresso encontra-se progressivamente relegado à função utilitária de transmissão de informação e divulgação de conhecimentos técnicos ou científicos. (LÉVY 1998:15).

3. Educação e Imagem

As tecnologias da inteligência, assim denominadas por Lévy (2000), alteram significativamente os modos de fazer a aprendizagem e de aprender. Nesse sentido, o contato com o universo áudio-imagético constitui-se numa via privilegiada, para a concretização do processo de construção do conhecimento, mas, incondicionalmente não substituem o fator subjetivo, no processo de produção de conhecimento, o que nos remete diretamente à necessidade da mediação pedagógica entre os sujeitos da comunicação. É verdade que as tecnologias da inteligência, assim denominadas por Lévy alteram significativamente os modos de fazer a aprendizagem, em especial aquelas de produção e difusão da imagem, mas, incondicionalmente não substituem o fator subjetivo, no processo de produção de conhecimento, o que nos remete diretamente à necessidade da mediação pedagógica.

O espaço de aprendizagem via imagem, inclusive como no caso do vídeo e da Tv digital abre outras possibilidades de leitura do mundo, rompendo as fronteiras do impresso e estabelecendo novos jogos polissêmicos. É verdade que inicialmente há um estranhamento pela mudança de olhar e pela diminuição da frequência da leitura da imagem pela via impressa, como o livro conduzindo a polêmica aos bancos acadêmicos, na suspeita de que os jovens perderão a capacidade de ler. Para além disso,

a maior parte dos raciocínios espontâneos utilizam a simulação de modelos mentais, freqüentemente imagéticos, muito mais que cálculos lógicos sobre cadeias de caracteres; as representações icônicas são independentes das línguas e por isso eliminam parte das dificuldades de tradução. Adicione-se isso ao poder que as imagens, muito mais do que a escrita e a fala, possuem ao evocar a multiplicidade de visões e de leituras de seus significantes e significados. (NOVA E ALVES 2003, p.116).

As possibilidades da leitura imagética avançam e a escola, como espaço de formação e de educação, tem uma porção significativa na compreensão crítica do uso, na medida razoável das mais diferentes linguagens culturais: quer letrada, quer imagética – quer sejam culturas mais recentes quer sejam culturas clássicas. Entretanto, advertimos que a mudança de paradigma da literalidade para o da imagem, mais do que uma capacidade operativa, institui processos estruturantes, os quais incidem na dinâmica comunicacional formando as interações comunicativas dos atores sociais, como colocamos anteriormente.

Cabe descortinar aquilo que nos parece óbvio e familiar “tornando-o estranho e não-familiar” de modo a perceber o quanto nossas biografias e nossas experiências são construídas socialmente. Essa realidade causa um certo fascínio, mas há necessidade de atentar não só para os ganhos dessa linguagem, mas para seus riscos. Um deles é que o vídeo ao privilegiar a imagem pode levar

a um desgaste do papel da escola enquanto fonte de conhecimento, exigindo outras reflexões da relação educação e comunicação e, em particular, a questão da mediação. Do contrário a educação formal pode perder completamente sua função social de ser, portanto, não dá para ignorar mais que

A desordem dos saberes e as trocas nos modos de narrar estão produzindo um certo ruído nas formas de sensibilidade escolar. A reflexividade e a criatividade estão colocando em um lugar estratégico o ensino e os modos de sentir e de pensar, assim como a articulação entre lógica e intuição. (BARBERO, 2002, p. 1).

Os diferentes dispositivos tecnológicos têm potencial para contribuir com pedagogias revolucionárias favoráveis a “situações dialógicas (...) enriquecedoras por sons, textos e imagens”. Ampliadas inclusive com a chegada da TV digital, uma nova reconfiguração do paradigma da imagem exige da educação um papel importante na compreensão da relação imagem e tecnologia no aprendizado das diferentes leituras dessa nova cultura. No entanto, lidar com o universo das imagens, sem que se limite a ficar paralisado e alienado, diante delas, nos remete a aprender a ler as imagens, essas formas culturais segundo Kellner (1995), fascinantes e sedutoras, cujo impacto massivo sobre nossas vidas começamos a compreender. Acrescentamos que caberia analisar, tanto a forma como elas interferem em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam numa realidade concreta. Importa, portanto, lembrar que o acesso ao mundo das imagens não se reduz a apenas a operar com a infra-estrutura tecnológica, como aprender a apertar botões, teclas ou teclados, a isto se soma a interação fecunda com a imagem que envolve atividades complexas como reflexão, argumentação e resolução de problemas – muito diferente daquela interatividade que se limita a apertar botões e a responder certo ou errado.

Lima (2002) sugere que no processo de trabalho com a imagem o educador deve considerar a mediação no que diz respeito a natureza do trabalho intelectual, portanto, do trabalho docente, nos espaços de aprendizagem, no qual a criação, a produção e a distribuição da imagem acontecem. O Trabalho de criação e de produção de imagem é um trabalho eminentemente subjetivo. Um ponto chave para aprofundar posteriormente, refere-se a mediação que tem o trabalho intelectual.

Pelo que vimos o significado social imediato desse processo parece ser a perda das referências, porque a nova dinâmica espaço/tempo contrapõe-se à ordem sócio-cultural estabelecida. Com a flexibilidade de forma e conteúdos, de tempo e espaço, de concepção e ação, de realidade virtual e real a imagem passa a ser vista não mais como representação do real, mas como a própria realidade virtual, pela possibilidade que possui enquanto fator estruturante da mesma realidade.

Para Lima e Bolaño (2001) esta forma de percepção, desvirtua de algum modo, todo o processo de produção do trabalho intelectual instituinte e instituído

por uma teia de relações que produz o próprio real virtual. Entretanto, de forma extremamente paradoxal e significativa, esta nova possibilidade de produção/interpretação do real gera também novas possibilidades educacionais.

5. Referências Bibliográficas.

BARBERO, Jesus Martin. A comunicação desde a comunicação. In: www.edutka.org. Editorial Norma, 2002.

BARBERO, Martin. Nuevos modos de leer. **El Espectador**, no. 474, Bogotá, 1992.

De LUCA, Renata. Educação a Distância: ferramenta sob medida par o ensino corporativa. **Educação online**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003 p. 448 a 466.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevalco. Ver. Iná Camargo Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997, 430p.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica – rumo a uma imaginação artificial?** São Paulo, Loyola, 1998, 228p.

_____. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, 203p.

LIMA, Maria de Fátima Monte. **No Fio de Esperança: políticas públicas de informação e de comunicação e tecnologias da informação e da comunicação**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, 2002.

LIMA, Maria de Fátima M. e BOLAÑO, César R. S. **Mundo do Trabalho e Educação a Distância**. In: COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO. Revista do Curso de Gestão e Processos Comunicacionais. ECA/USP. São Paulo: Editora Segmento. Ano VII, N. 20, jan./abr. pp. 21- 32, 2001.

NOVA, Cristiane e ALVES, Lynn. *Estação online: a “ciberescrita”, as imagens e a EAD*. In: (Org.) Marco Silva. **Educação on line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Edições Loyola, pp.105 – 34, 2003, 512p.

SOUZA, Boaventura de Santos. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª ed. São Paulo : Cortez, 1997348p.